

O Destino Humano

Rudolf Steiner

Germinam os desejos da alma,
crescem os atos da vontade,
amadurecem os frutos da vida!

Eu sinto meu destino,
meu destino me encontra.

Eu sinto minha estrela,
minha estrela me encontra.

Eu sinto minha meta,
minha meta me encontra.

Minha alma é una com o mundo!
A vida torna-se mais clara ao redor de
mim.

A vida torna-se mais árdua para mim.
A vida torna-se mais rica em mim.



Lu Pinheiro - 2002

ACONTECERÁ

4 a 12 de Julho Seminário de
Introdução a Pedagogia Social. Local:
Centro Paulus. Contato: Berenice
(031)3487 1663, bruckert @
brhs.com.br ou Andréia (011) 5183
8869

• 31 de Agosto encontro sobre a
Missão da Associação. Local: São
Paulo. Informações com Valter,
valtergobbo @ greco.com.br

• 5 a 8 de Novembro - Seminário
"Grupos". Local: Centro Paulus.
Contato: Berenice (031)3487 1663,
bruckert @ brhs.com.br ou Andréia
(011) 5183 8869

• 9 de Novembro Assembléia
Anual da Associação de Pedagogia
Social

LEIA TAMBÉM

pág 2: Editorial
pág 3: Globalização e Antroposofia
pág 4: As Escolas dos Adultos
pág 5: Relato do Forum de
Humanização do Social
pág 6: Depoimentos de participantes
de cursos de Pedagogia Social
pág 7: Jogo da Economia
pág 8: Comix

EDITORIAL

Caríssimos Leitores,

Todos nós conhecemos a imagem da Torre de Babel, descrita na Bíblia – uma Torre que deveria alcançar o céu mas que ficou interminada porque no meio da construção cada qual começou a falar sua própria língua e as pessoas não se entendiam mais. Essa imagem bíblica foi lembrada por Hermanus no II Módulo do Programa de Desenvolvimento de Escolas Waldorf, em fevereiro deste ano, para ilustrar o caminho de evolução da Humanidade. A Torre representa a própria Humanidade em sua missão de integrar à criação divina as qualidades espirituais da Liberdade e do Amor. Uma não pode existir sem a outra. O caminho para a Liberdade leva o ser humano à sua emancipação como individualidade: cada qual passa a falar a sua própria língua e como consequência não nos entendemos mais. Esse “não nos entendermos mais” se manifesta na multiplicidade de males sociais que vicejam em nossa época- a exploração do homem pelo homem, a violência, os conflitos, as separações, etc. A própria ruína do WTC após o atentado de 11 de setembro de 2001- o grande símbolo do “não nos entendermos mais” da Humanidade na atualidade - se parecia incrivelmente com a representação feita por Hieronymus Bosch da Torre de Babel.

Por isso mesmo, a continuidade da evolução da Humanidade tem um cunho eminentemente social: a de construirmos pontes **entre** pessoas, organizações, nações, culturas. Esse caminho social, voltado para a qualidade do que se tece **entre** as pessoas e as instituições, é o caminho para o Amor, que só se pode trilhar em absoluta liberdade. É disso que depende a conclusão da Torre de Babel, a realização do destino da Humanidade, cuja responsabilidade está em nossas mãos. A essa tarefa da “arte de construir pontes sociais” se dedica a Pedagogia Social. E esse Boletim quer contribuir para a difusão dessas idéias, experiências e contribuições. Desejamos que possa servir de alimento para quem está neste caminho, que ainda está por ser feito, que só se faz ao caminhar. Vocês podem nos ajudar nesta tarefa dando-nos retorno do que acham e esperam do conteúdo. Assim nossos caríssimos leitores se tornam mais visíveis para nós e ficará mais fácil fazermos a ponte com o aquilo que necessitam para a sua caminhada. Com um grande abraço dos membros do Círculo de Comunicação,

Jos Schoenmaker, é psicólogo social, membro fundador da Associação de Pedagogia Social e consultor do Núcleo Maturi – Ecologia Social

Durante um sonho adentrei uma loja.
Atrás do balcão estava um anjo.

Eu perguntei: o que vocês vendem aqui?
Tudo que você queira, respondeu o anjo.

Oh, exclamei, isso é verdade?

Pois então eu gostaria:

Paz na terra,

Fim das repressões,

Eliminação da fome,

Casas para os refugiados, ...

Espere, disse o anjo,

Você me entendeu mal.

Aqui nós não vendemos frutos,

Só sementes.

Conto chassídico

NOTÍCIAS DA ASSOCIAÇÃO POR E-MAIL

Temos a disposição, para todos interessados, via e-mail, notícias sobre o dia-a-dia da Associação de Pedagogia Social. Caso voce ainda não esteja recebendo e tenha interesse, entre em contato com Valter: valtergobbo@greco.co.br e informe seu e-mail.

Persequimos algo prático, não estaremos divulgando o Boletim Eletrônico pelo correio, mas também queremos que esta informação chegue a todos associados. Por isso, caso voce não tenha um e-mail, peça um “emprestado” de um amigo e nos informe.

PEDAGOGIA SOCIAL PARA TODOS

"Todas as pessoas estão capturadas em uma rede inescapável de mutualidade, ligadas por um único tecido do destino. O que quer que afete a um diretamente, afeta a todos indiretamente. Eu nunca poderei ser o que eu devo ser até que você seja o que deve ser. E você nunca poderá ser o que deve ser até que eu seja o que devo ser".

Essa frase de Martin Luther King é muito significativa para o que hoje chamamos de Globalização: todos os seres humanos estão interligados numa teia global de interdependência, determinante para o bem estar e o sofrimento social de cada ser humano sobre a face da terra. Estou ligado ao povo de Taiwan pelo computador que estou usando, com o povo da China pelas roupas que visto, com os povos do Japão, da América do Norte e da Europa através da aparelhagem de som, do carro, etc. de que me utilizo.

Essa Globalização é uma realidade definitiva desde o século passado e significa um limiar que coloca novas exigências à nossa consciência. Como foi apontado por Rudolf Steiner e descrito por Jörgen Smit em seu livro a respeito de transformação pessoal e social: "Se um limiar é ultrapassado somente a um nível inconsciente ou semiconsciente, ficamos para trás e uma catástrofe é inevitável". Aspectos que antes estavam integrados dentro de um determinado contexto natural começam a se separar e precisam ser integrados por um nível de consciência mais elevado. Isso se dá, interiormente, com o nosso pensar, sentir e querer quando ultrapassamos o limiar do mundo espiritual e isso requer o desenvolvimento de um nível de consciência mais elevado para mantê-los integrados, ou, então acarretará terríveis conseqüências para a nossa saúde, moralidade, etc..

Exteriormente a Humanidade transpôs no século passado – de forma in- ou semiconsciente, o limiar da Globalização- o de se tornar um único organismo social global. As catástrofes que resultaram disto estão visíveis desde os seus primórdios, durante a assim chamada colonização do Mundo Novo, no século XVI e suas terríveis conseqüências para, p.ex., o continente africano, mortalmente ferido por este período. No último século tivemos as catástrofes de duas guerras mundiais, a polarização político-ideológica entre Ocidente e Oriente (em cujo contexto podemos situar também o atentado terrorista de 11 de Setembro último) e a polarização econômica entre Norte e Sul. Socialismo e Comunismo surgiram como uma reação ao Liberalismo e Capitalismo mas não puderam realmente oferecer uma alternativa.

GLOBALIZAÇÃO E ANTROPOSOFA

Jos Schoenmaker

A consciência que agora é requerida foi claramente expressa por Rudolf Steiner: "No desenvolvimento da Humanidade, cada um não tem o direito de se sentir como individualidade se não se sentir ao mesmo tempo parte de toda a Humanidade". A realidade é que cada um de nós – como pessoas, como organizações – se percebe muito fortemente como individualidade, como entidade, mas apenas muito vagamente nos sentimos fazendo parte de um todo, como células de um organismo social formado por toda a Humanidade. Em termos globais estamos longe da consciência maravilhosamente expressa na tradição sul-africana do Ubuntu (e que encontra seu paralelo também nas tradições indígenas brasileiras): "Eu sou porque você é; você é porque eu sou; nós somos por sermos uma comunidade".

Na década de 80 fui profundamente tocado por uma palestra de Lex Bos num dos Seminários de Pedagogia Social, quando ele nos falou sobre o destino final da Humanidade, de se constituir no Corpo de Cristo.

Corpo de Cristo, que tem na Terra e Natureza Seu corpo físico, como expresso por Ele quando partilhou com os discípulos o pão e o vinho da Última Ceia, como sendo Seu corpo e Seu sangue. Corpo de Cristo, que deve ter a Vida Econômica como Seu corpo etérico, no qual os fluxos econômicos podem nutrir de forças vitais todo o organismo social. Corpo de Cristo que deve ter na Vida Jurídica Seu corpo astral, ordenando as relações entre todos os integrantes deste organismo. Corpo de Cristo, no qual a Vida Cultural-Espiritual possa se constituir em cálice para o Seu Eu, o Espírito Sanante que pode integrar, tornar e manter inteiro o organismo social da Humanidade, cuja primeira manifestação se deu em Pentecostes, gerando-a partir do Espírito- uma comunidade constituída de individualidades plenas e livres.

Se olharmos hoje para a Humanidade como o Corpo de Cristo, da perspectiva da maioria da população mundial, a imagem que surge perante nós é ainda o de Cristo Crucificado. Seu corpo gravemente ferido, como se encontra ferida hoje a Terra e a Natureza, pela poluição da água e do ar, pela destruição de florestas e pelo sacrifício de milhões de animais, como se deu na Europa no ano passado pela doença da Vaca Louca (se em tempos antigos animais eram queimados em sacrifícios à divindade- deveríamos nos perguntar a que "divindade" foram sacrificadas as vidas destes animais?!). Como o Cristo Crucificado, a humanidade hoje tem suas mãos e pés pregados na cruz,

imobilizados pela miséria que condena mais da metade da população mundial a sobreviver com menos de 1 dólar por dia! Seu coração é trespassado pela fria lança da falta de compaixão e senso de justiça. Porque, do ponto de vista espiritual, como disse Steiner, nós não deveríamos conseguir dormir enquanto houver pessoas sofrendo – mas continuamos dormindo muito bem apesar de todo o sofrimento humano que nos cerca! Sua cabeça continua coroada hoje com os espinhos do pensar materialista que caracteriza a nossa Vida Cultural, de forma determinante para toda a sociedade, por mais que se fale hoje em espiritualidade. Porque, como indicou Rudolf Steiner em suas palestras sobre O Aspecto Interior da Questão Social: **“a causa do caráter não espiritual da nossa época não se deve ao fato de as pessoas não crerem no espírito mas ao fato de não alcançarem tal relação com o espírito de forma a possibilitar ao espírito governar o material na vida real”**. Em outras palavras, a vida espiritual da nossa época não consegue trazer reais impulsos para o desenvolvimento social no âmbito material da nossa sociedade.

No entanto, da mesma forma em que a luz do Espírito de Cristo começou a luzir nas trevas através de Seu corpo na cruz, também podemos hoje encontrar muitos sinais desta luz da ressurreição em nossa sociedade: no trabalho de milhões de pessoas que estão “fazendo o bem”, como Lievegoed descreveu em seu livro Rumo ao Século XXI, buscando melhores condições de vida para os mais pobres e excluídos; na solidariedade de milhões de pessoas para com outras, próximas ou distantes; no trabalho daqueles que buscam promover o desenvolvimento social, superar conflitos; no trabalho de todas as pessoas em todos os campos, colocando suas capacidades genuinamente a serviço das necessidades de outros. Podemos reconhecer essa luz da ressurreição na consciência e responsabilidade ecológicas que crescem ao redor de todo o mundo. E mesmo na responsabilidade social genuína que vem despertando no âmbito de empresas em todo o mundo, ainda que em grande parte como

fachada para ocultar seus interesses egoístas predominantes.

Certamente, uma das luzes mais brilhantes do Espírito para a nossa época nos foi trazida por Rudolf Steiner através da Antroposofia, que nos possibilita alcançar uma compreensão cada vez mais aprofundada das leis que regem o desenvolvimento em todos os âmbitos da Vida, a partir da qual podemos também contribuir para o desenvolvimento social saudável. Como pessoas inspiradas pela Antroposofia, atuantes em todo o mundo, certamente podemos fazer uma diferença, como fermento na massa, contribuindo para que a Antroposofia se torne um real fator cultural em nossa sociedade, para que essa possa alcançar **“tal relação com o espírito de forma a possibilitar ao espírito governar o material na vida real”**. Vendo quão longe estamos disto, quão distantes estamos até mesmo das intensas discussões que se travam em nossa época sobre todos estes temas, tenho me perguntado em que medida estamos conscientes desta responsabilidade e buscando contribuir, a partir da Antroposofia, para as exigências colocadas para o desenvolvimento da sociedade como um todo em nossa época?

A Associação de Pedagogia Social se propõe a contribuir para a reflexão sobre este tema, por meio deste Boletim e dos Cadernos de Pedagogia Social que serão lançados este ano e também por meio dos Seminários de Pedagogia Social. Neste sentido, em continuidade aos Seminários que abordam o Desenvolvimento Social do Indivíduo (SPS-I), do Grupo (SPS-II) e da Instituição (SPS-III), será lançado o SPS-IV cujo enfoque será o Desenvolvimento da Sociedade.

Jos Schoenmaker, é psicólogo social, membro fundador da Associação de Pedagogia Social e consultor do Núcleo Maturi – Ecologia Social

(artigo baseado na contribuição do autor para a Conferência da Association for Social Development-Cidade do Cabo- África do Sul- Junho 2001)

PEDAGOGIA SOCIAL PARA TODOS

“Você se considera um aprendiz?”

Cada adulto tem à sua disposição pelo menos três tipos de escolas, descritas a seguir.

O primeiro tipo pode ser chamado de **escola da sociedade**. Escolas deste tipo se encontram nas universidades, escolas técnicas, públicas e privadas, palestras, cursos, grupos de estudo, etc.. Elas compreendem situações formalmente organizadas para a aprendizagem, podendo ter diferentes formatos.

AS ESCOLAS DOS ADULTOS

Antonio Luis de Paula e Silva

Seus currículos certamente podem ser bastante diferentes de uma situação para outra, mas têm em comum o fato de serem estruturados e planejados para serem desenvolvidos num determinado tempo. Os responsáveis por isso são professores, educadores, pedagogos, mestres, doutores, instrutores – pessoas consideradas qualificadas para exercer esse papel. Nas escolas da sociedade os objetivos são sempre pré-determinados – seja uma formação geral ou a

transmissão de conhecimentos técnicos específicos, isso é definido *a priori* – o propósito geral, entretanto, é preparar o adulto para enfrentar o mundo “lá fora”. Na escola da sociedade o aprendiz é aquele se matricula e inscreve oficialmente; cada um aprende o que outros ensinam ou ajudam a aprender – esta escola é, simbolicamente falando, “trazida de fora”. As provas mais comuns deste tipo de escola são testes, exames, vestibulares, bancas, trabalhos escritos, entre outras. Nas escolas da sociedade, porém, a regra é outros dizerem o quanto cada um é capaz ou está preparado para fazer.

Há um segundo tipo de escola à disposição do adulto, conhecida popularmente como **escola da vida**. Essa escola se dá no local em que se vive, trabalha, com aqueles com quem se convive – ao contrário da escola da sociedade, a escola da vida é composta por situações “desorganizadas” e “acidentais”, resultante das contingências, reações e escolhas individuais. O “currículo” ou “programa” varia e consiste na história de vida ou biografia individual, sendo determinado pelas circunstâncias ou pelo jeito de ser, dons, caráter, personalidade e temperamento da pessoa. Na escola da vida os professores são bastante diversificados, se estiver aberto a eles. Os acontecimentos da vida, as pessoas com quem se encontra (imagine a importância de um simples encontro na vida da gente...), as conseqüências do que se faz – simbolicamente, na escola da vida as forças do destino e das experiências passadas são professores. Qual o objetivo desta escola? Possivelmente a resposta específica é diferente para cada pessoa, mas pode-se dizer que a escola da vida contribui para o amadurecimento pessoal, para preparar para viver melhor a própria vida e também para despertar “algo superior” no ser individual, ajudando a alcançar patamares maiores no caminho de desenvolvimento.

Nesta escola todos são aprendizes, voluntária ou involuntariamente – nela há o confronto com diferentes tipos de provas, as quais, se não superadas adequadamente, são oferecidas em uma forma diferente no futuro. Na escola da vida o aprendizado se dá pelo intercâmbio entre cada ser humano e o mundo em que vive.

O terceiro tipo de escola pode ser denominado **escola interior**. Esta escola está dentro de cada um: ela acontece interiormente, no espaço íntimo da pessoa, nos momentos de concentração em si próprio, no silêncio pessoal. O programa ou currículo desta escola é auto-criado e individual: cada pessoa determina, em função do seu grau de auto-conhecimento, seus erros, suas características pessoais, daquilo que aceita ou rejeita, da imagem que faz de si próprio. Os professores desta escola podem ser pessoas que se admira e escolhe como fonte de inspiração, mas o aprendizado se dá mesmo pela força de vontade, pois cada um é seu próprio professor. Visto de outra forma, o lado negativo ou desconhecido em cada um também pode ser considerado um importante professor. Com quê objetivo? Tornar-se um ser humano melhor... para a Humanidade, desenvolver uma consciência universal, tornar-se sábio ou simplesmente desenvolver uma qualidade que não se tinha. Aprendiz nesta escola é quem se decide a sê-lo, uma vez que o aprendizado ocorre de dentro para fora, a partir da auto-observação e conhecimento. Nesta escola para a avaliação existem os limites pessoais, mas as provas cada um é que coloca para si: cada um deve dizer a si mesmo quando está ou não satisfeito com o que se tornou ou mudou em si próprio.

Antonio Luiz de Paula e Silva
Coordenador do Instituto Christophorus
alpsilva@christophorus

ACONTECEU

Entre os dias 19 e 22 de julho de 2001, foi realizado na Associação Crianças do Vale de Luz, Nova Friburgo/RJ, o primeiro Fórum de Humanização do Social. Mais de 40 pessoas de diferentes cidades e estados, representando 26 entidades sociais, participaram do Fórum. O grupo organizador era formado por Lucia Casoy (Nova Friburgo), Maria Chantal (Ribeirão Preto), Roberto Dertoni (Rio de Janeiro), Sebastião Guerra (Nova Friburgo) e Ute Craemer (São Paulo), que se dividiram na condução das atividades de palestras, grupos e plenárias, jogos cooperativos/dinâmicas, canto, pintura e relatos.

Relato do Fórum de Humanização do Social Julho de 2001 – Nova Friburgo / RJ

Roberto Dertoni

Ute Craemer, uma das idealizadoras do Fórum, descreveu seus objetivos gerais:

1. estabelecer diálogo entre os setores público (governo), privado (empresas) e sociedade civil organizada (entidades sociais);
2. sensibilizar pessoas com relação às questões sociais (público em geral e, especificamente, os jovens);
3. promover divulgação de idéias, publicações, encontros e site na Internet;
4. participar de outros fóruns afins;
5. estabelecer uma rede organizada de entidades

sociais;

6. divulgar boas práticas (idéias já implementadas com sucesso);
7. promover fóruns regionais e nacionais e participar de fóruns mundiais.

Nestes três dias, houveram palestras sobre a relação do indivíduo com as questões sociais e sobre trimemoração social, além de atividades de pintura, canto, dança e jogos cooperativos/dinâmicas. Em uma dessas dinâmicas, empresários e representantes do governo local se juntaram aos representantes das entidades sociais para trabalhar nos principais aspectos que empresas, governo e as entidades valorizam quando se busca recursos e apoio para o trabalho social.

Uma das principais características do Fórum foi o encontro entre diversas experiências, o compartilhar de conquistas e dificuldades com aqueles que estão trilhando um caminho similar. As entidades foram divididas em grupos de interesse para troca de experiências. Cada grupo teve um foco específico, em torno dos temas: planejamento; expansão X qualidade; como envolver, unir, encontrar; formação/capacitação; identidade.

No último dia, foram tomadas algumas decisões sobre a continuidade do Fórum, entre as quais se destacam:

1. A secretaria do Fórum, responsável pelo catálogo das entidades e informações referentes ao Fórum, ficará a cargo da Associação Crianças do Vale de Luz. Tel.(24) 2527-1389 com Lucia Casoy;
2. As contribuições ao site do Fórum (www.humanizar.com.br) deverão ser enviadas para Marco de Carvalho no e-mail: m.pinna@terra.com.br;
3. Em 2002 haverá fóruns regionais em locais e datas a serem determinados;
4. No dia 03/novembro de 2001 será realizado um encontro de um dia, em Penedo/RJ (na Associação Arcanjo Gabriel), para aprofundarmos o tema da Fraternidade. Neste dia iremos também aprofundar a missão, os valores e a fonte de inspiração dos futuros fóruns.

No final, a avaliação geral foi de que o Fórum superou as expectativas de todos, com questões e discussões profundas e bem encaminhadas.

Até o próximo Fórum de Humanização do Social.

Roberto Dertoni, Membro fundador da Associação de Pedagogia Social no Brasil e atua no Terceiro Setor

DEPOIMENTOS

DEPOIMENTO 1

O módulo do seminário de Pedagogia Social voltado às instituições foi semelhante, na estrutura dos dias, ao primeiro, (contribuições conceituais, assimilação a 3, canto, grupinhos, dança, avaliação, retrospectiva, etc...) com as diferenças:

- na escolha para pequenos grupos pudemos conversar e trabalhamos nos pequenos grupos sem coordenador;
- caminho dos grupos foi de aproximação de cada um com a instituição que escolheu para trabalhar;
- através de trabalhos "projetivos" com auxílio da arte;
- em paralelo, através de descrições sistematizadas dos níveis físico, processos, relações e identidade.

Houve ainda um trabalho sobre "o que ajuda e o que atrapalha" a tomada de iniciativa.

Como resultado do seminário, cada um foi estimulado a eger e planejar uma iniciativa, enquanto um movimento, uma ação a ser adotada para ajudar a instituição a crescer ou desenvolver-se.

Leila Scaff, participante

SEMINÁRIO DE PEDAGOGIA SOCIAL III EM NÓS 11 DE NOVEMBRO DAE 2001

DEPOIMENTO 2

Para mim que trabalhei para a GEMA, esta instituição que estou trazendo ao mundo, foi de grande valia, uma vez que não tinha elaborado tantos aspectos.

Novamente, tomei contato com minha grandeza e minha pequenez, desta vez com foco na GEMA.

Vislumbrei suas forças e necessidades para o momento.

O mais relevante para mim foi o sentimento que me acompanha desde aqueles dias, em relação às instituições: passei a enxergá-las realmente como um ser vivo, um organismo e por isso, passei a sentir por elas compaixão e um chamado para apoiá-las na sua evolução. Help! Mais uma coisa para fazer nesta vida! Ou será A COISA ??????

Depois, ainda viver o sábado para a Assembléia anual da Associação de Pedagogia Social, foi conhecer que grupo é este que carrega a tocha, foi novamente situar este impulso no mundo moderno e sentir-me co-responsável por isso.

Beijinhos e abrações para todos vocês,

Raquel Calcina, participante

PEDAGOGIA SOCIAL PARA TODOS**JOGO DA ECONOMIA***Roberto Dertoni*

Ganhar mercado, aumentar os lucros e o faturamento, superar os competidores ... Essas são, de uma maneira geral, as metas das empresas no jogo da sobrevivência econômica.

Pessoas talentosas dedicam suas vidas a elaborar maneiras engenhosas (gestão) de atingir essas metas, como que fazendo novas regras para o jogo do vencedor-perdedor. E a gestão deve evoluir constantemente, pois assim que uma nova forma de gestão se institui e todas as empresas passam a segui-la, já é hora de inovar de novo para, mais uma vez, sair à frente da concorrência.

Outras tantas pessoas, também talentosas, se dedicam a seguir as regras a risca, com a missão (pressão) de atingir as metas e não saírem perdedores.

Deste ponto de vista, pode-se dizer que a vida econômica se transformou num jogo que envolve nossas vidas quase por inteiro. Um jogo em que cada um de nós somos peças, não importando se operacionais, táticas ou estratégicas, mas somos todos peças a serem posicionadas no tabuleiro.

É um jogo não só da vida econômica, mas a vida política joga junto e ajuda na elaboração e na execução das regras, através de políticas nacionais e internacionais. E aos poucos vão conseguindo envolver também a vida cultural neste grande jogo da vida. Escolas que possam produzir trabalhadores (jogadores) mais eficientes em menos tempo e que se encaixem exatamente nas novas necessidades que as formas de gestão e a tecnologia fazem surgir; hospitais que possam reabilitá-los no tempo de um pit stop e entretenimento que possam mantê-los distraídos da verdadeira realidade da vida e acreditando na única realidade do jogo.

O egoísmo, com sua gana por poder e dinheiro, é o principal alimento. E os acordos, parcerias e alianças estratégicas são efetuados com o foco no interesse próprio de cada uma das partes e duram enquanto este interesse próprio coincidir mutuamente.

Esta luta por constante melhoria, têm trazido também coisas positivas, como por exemplo a qualidade total que têm levado à uma melhoria na qualidade dos processos de uma maneira geral, mas têm levado também à uma padronização exagerada no atendimento ao cliente, que acaba focando na

massificação do consumo e não nas necessidades individuais dos clientes.

E o que este grande jogo mundial têm produzido? Um número cada vez maior de excluídos e desajustados! Mas estes são apenas a maioria perdedora e não deveria incomodar os que compõem a minoria e que ainda continuam jogando para se saírem vencedores.

Mas o que se pode fazer para mudar este mecanismo perverso?

Uma coisa parece certa, tem que se atuar na vida econômica para, a partir de dentro do problema, começar a transformação.

Uma possibilidade seria aproveitar a própria onda de transformações que ocorre nas empresas para fazer surgir algo de realmente novo. E uma nova onda que está surgindo é a da responsabilidade social. A realidade social à nossa volta é tão cruel que está levando a um despertar pelas questões ditas sociais. E as empresas estão querendo capitalizar para si esse interesse novo e estão desenvolvendo estratégias que as identifiquem como responsáveis socialmente.

Uma tendência é de que se criem selos de empresa cidadã ou de empresa socialmente responsável, assim como existem os selos de qualidade. E aqui existe uma possibilidade de introduzir mudanças positivas reais na cultura das empresas.

O problema não é que as empresas são as grandes vilãs do nosso tempo, mas sim que o egoísmo arraigado em cada um de nós permitiu que se criasse um mecanismo social do qual isoladamente não conseguimos mais sair. Na verdade, muitos empresários e trabalhadores gostariam que a realidade fosse outra, mas não conseguem mudar o mecanismo por medo de serem os próximos excluídos.

Mas esta nova onda da empresa cidadã pode ser uma nova oportunidade para se trabalhar nas empresas. E este trabalho deveria ser no intuito de abrir espaço para que cada um na empresa possa ser ouvido. Para começar a ser uma empresa cidadã, nada mais correto que incentivar os próprios colaboradores a se tornarem cidadãos dentro da empresa, por meio de políticas de gestão participativa.

Assim, talvez, possa ser encontrado um caminho que impulsione uma verdadeira mudança social. Uma vez que cada trabalhador-cidadão passe a ter voz mais ativa, as peças do jogo passam a ganhar mais

autonomia e a gerar maiores mudanças no andamento do jogo.

É claro que muitos dos que estão em posições chave dentro do jogo (peças estratégicas), inicialmente irão temer essa maior participação de todos e suas conseqüentes mudanças. Para isso, será necessário uma estratégia de mostrar à essas peças chaves (pelo menos as mais sensíveis), os verdadeiros benefícios para a empresa, da gestão participativa.

Um colaborador envolvido com a missão e os objetivos da empresa, é uma pessoa mais responsável e mais comprometida com a empresa como um todo e o que se percebe, em termos financeiros, é uma redução de custos com desperdícios e um aumento de produtividade. Mas os benefícios vão além dos financeiros, pois ganha-se companheiros responsáveis e inseridos de forma viva, na vida da empresa. Isso gera maior satisfação no trabalho, maior qualidade de vida e um ambiente de trabalho mais limpo e respeitoso.

A partir daí, um próximo passo seria passar a enxergar as outras empresas (clientes, fornecedores e até mesmo concorrentes) como verdadeiros parceiros-cidadãos. Isso significa passar a olhar as necessidades da outra empresa com respeito e interesse e firmar acordos em que se leve em conta, em igual medida, as necessidades e capacidades de cada lado.

Ser cidadão significa participar ativamente dos contextos sociais em que se está inserido, mas significa também dar espaço para a participação ativa dos outros agentes sociais, quer sejam empresas privadas, governo ou pessoas físicas. E isso exige interesse e respeito pelas particularidades de cada um.

A mudança social passa por uma atuação nas três grandes áreas da vida social

Estamos no limiar de um novo milênio. Estamos vivendo um importante momento histórico, em que as economias do hemisfério sul encontram-se a beira de um colapso; apesar de toda a riqueza, o conforto e o avanço tecnológico alcançado pelos povos mais ricos, o número de pobres e indigentes continua inaceitável e a fenda da distribuição de riqueza (distância entre ricos e pobres) continua aumentando; o poder das grandes corporações está subjugando o poder dos Estados e pervertendo a cultura com interesses puramente econômicos.

Mas existe aqui uma grande oportunidade de mudança, com a força crescente do chamado Terceiro Setor e da instituição das empresas cidadãs. No entanto para se aproveitar positivamente esta oportunidade e não deixar que acabe se tornando apenas mais uma passagem emocionante deste grande jogo do vencedor-perdedor, é necessário que se conjugue esforços nas três grandes áreas da vida social.

A atuação deverá ser através da esfera econômica. São as empresas que estão dando as cartas do jogo e, me parece, que a mudança deverá vir a partir delas. Mas a luta deverá ser a do resgate da participação ativa de cada um, a luta da cidadania, pois só cidadãos autônomos podem levar a uma mudança social descompromissada. Só quando formos capazes de nos sentirmos verdadeiramente iguais aos outros é que poderemos confiar na mudança que cada um pode proporcionar. E por fim, essas mudanças precisam estar respaldadas num conhecimento genuíno da realidade social. Será necessário que os conceitos e idéias advindas da observação objetiva da realidade social encontrem a linguagem adequada para serem transmitidas, quer seja na forma de palestras e aulas práticas e conceituais, quer seja nas mais variadas formas de arte.

Roberto Dertoni, Membro fundador da Associação de Pedagogia Social no Brasil e atua no Terceiro Setor

